



Escoteiros do Brasil  
Paraná



Motobloc de Antonio Prado Jr – 1908  
Imagem colorida e modificada por IA

# MÁRIO SÉRGIO CARDIM— PARTE 2

JOÃO ALBERTO BORDIGNON

*BOLETIM HISTÓRICO Nº 72 - JANEIRO DE 2026*

## PRINCIPAIS ASSUNTOS ABORDADOS

Página

3 – Introdução – Ainda em 1906

5 – O apelido de Cardim

7 – 1907 – Subdelegado, esportista e jornalista.

8—A revista “**Cri-Cri**”

10 – 1908 – Esportista e automobilismo

12 – A viagem São Paulo-Santos

15 – O Circuito Itapecerica

19 – A Maratona de São Paulo e Cardim Professor

20 – 1909 – Atuações em diversas áreas

22 – 1910 – Aviação e mudança de carreira

24 – ANEXO 1 – A viagem São Paulo - Santos

## INTRODUÇÃO

Este Boletim é uma continuação do relato iniciado no Boletim 70, que descreve alguns fatos da vida de Mario Cardim e família, anteriores a 1906.

### AINDA EM 1906

Em 1906, ano de sua formatura na Faculdade de Direito de São Paulo, **Mario Sérgio Cardim** iniciou a vida profissional, mesmo antes de concluir o curso.

*O Diário Oficial do Estado de São Paulo* de 28 de julho de 1906 publica na lista de decretos o seguinte:

"Foi exonerado o major Arthur da Fonseca Osório do cargo de 3º suplente do 4º subdelegado de Polícia da 3ª circunscrição da Capital, tendo sido nomeado para substituí-lo o cidadão Mario Sergio Cardim."

Nesse mesmo ano, Mario Cardim participa de uma comissão de estudantes de vários anos da faculdade nas comemo-

rações da data de criação dos cursos de direito no Brasil, 11 de agosto.

Normalmente, essas comemorações eram organizadas pelo **Centro Acadêmico Onze de Agosto**, que havia sido fundado em 1903 por líderes estudantis, entre os quais encontrava-se José Carlos de Macedo Soares, futuro presidente da Associação Brasileira de Escoteiros – ABE.

Às 20h25 do dia 11, iniciou-se uma sessão solene no salão nobre da faculdade, aberta por Mario Cardim, conforme notícia publicada no jornal *O Estado de São Paulo* de 12 de agosto de 1906.

Na área esportiva, Mario Cardim foi eleito para o **Conselho da Liga Paulista de Futebol**. A Liga Paulista, que começou a ser organizada em dezembro de 1901, era presidida por Armando Prado e tinha como vice-presidente Charles Miller. Em 1906, Cardim fez

parte da Comissão que elaborou os estatutos da Liga.

## **APELIDO DE CARDIM**

No final do Boletim 70, é mencionado um apelido dado a Mario Cardim: **C.B. Frey**. Embora a explicação não tivesse sido encontrada por este autor até então, uma pesquisa mais recente revela que, provavelmente, o nome estava grafado incorretamente na revista citada.

Uma notícia publicada no *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, de 22 de abril de 1906, menciona um trecho publicado no *Guia de Foot-ball*, de Mario Cardim, com o título “A Arte de dar o Kick”:

"Vem, pois, a propósito reproduzimos no *GUIA DE FOOT-BALL*, as interessantes notas que, a este respeito, publicou no jornal *THE CAPTAIN*, um dos mais conhecidos e afamados sportsman da Inglaterra e quiçá mesmo de toda a Europa, o notável C.B. Fry."

Charles Burgess Fry (25 de abril de 1872 – 7 de setembro de 1956) foi um esportista, professor, escritor e editor inglês. Sua biografia está publicada na Wikipedia. Ficou famoso no cricket e no futebol.

Na Wikipedia encontra-se um trecho escrito por John Arlott, em 1984, descrevendo Fry:

"Charles Fry podia ser autocrático, zangado e obstinado; também era magnânimo, extravagante, generoso, elegante, brilhante – e divertido... provavelmente foi o inglês mais talentoso de todos os tempos."

Uma curiosidade interessante, para o movimento escoteiro, é que ele foi professor em Charterhouse, de 1896 a 1898, escola onde estudou **Baden-Powell**.

Também em 1906, aparecem notícias de Cardim como repórter do jornal *O Estado de São Paulo*.

Na recepção oferecida pela Royal Mail, no navio *Araguaya*, em Santos, para a qual foi convidado o presidente do estado, Cardim esteve presente representando o jornal. Era representante da Royal Mail, proprietária do navio, o esportista Charles Miller, que também era vice-cônsul inglês.

## 1907

Por decreto de 14 de janeiro de 1907, publicado no *Diário Oficial do Estado de São Paulo* do dia seguinte, Mario Cardim foi nomeado para o cargo de 4º subdelegado de polícia da 3ª circunscrição da Capital. A 3ª circunscrição localizava-se no bairro do Bom Retiro.

Como jornalista d'*O Estado*, Mario Cardim ainda cobriu diversos eventos em 1907:

A visita do presidente do Estado da Bahia, em janeiro.

A visita do general Júlio Rocca, presidente da República Argentina, em março.

Congresso Médico em setembro, na capital paulista.

Nesse ano, Mario Cardim ainda atua como jogador de futebol. É noticiada a sua participação como goleiro do Clube Atlético Paulistano numa partida contra o Germania em 16 de junho de 1907.

Em 30 de junho de 1907 é disputada no Rio de Janeiro uma partida entre o Clube Atlético Paulistano e o Fluminense Foot-Ball Club. Depois do jogo, foi oferecido ao time paulista um jantar, durante o qual foram feitos vários brindes aos jogadores de São Paulo, respondidos por Mario Cardim.

## **A REVISTA CRI-CRI**

No dia 25 de novembro de 1907, o jornal *Correio Paulistano* publica uma nota com o título "**Cri-Cri**":

“Sob a direção dos Srs. Hormiadas Silva, Mario Cardim e Brenno Silveira, nossos colegas d’*O Estado*, aparecerá nesta capital a 1º de dezembro próximo uma revista de humorismo, crítica e literatura, e que, certamente, virá preencher uma lacuna na imprensa deste gênero.

A nova publicação chamar-se-á "***Cri-cri***" e será impressa em excelente papel, trazendo fotografias e instantâneos da cidade.”

O jornal *O Estado*, de 1º de dezembro de 1907, apresenta um anúncio, na Seção Livre:

**“Leiam o *Cri-Cri***

Traz instantâneos de atualidade: a parada militar de 15 de novembro no Prado da Moóca, festas de domingo passado no Velódromo e no Club Esperia, recepção em palácio a 15 do mês passado, e crônicas humorísticas, noticiário variadíssimo.”

No dia 2, o mesmo jornal publica outro anúncio:

**Leiam o *Cri-Cri*  
A SEGUNDA EDIÇÃO**

Diante do sucesso que obteve o *Cri-Cri*, no seu aparecimento, chegando a esgotar-se a primeira tiragem, será hoje feita uma nova edição.

Do meio-dia em diante o *Cri-Cri* estará à venda na agência de jornais da rua da Boa Vista 2-A, na Livraria Arcadia, na Galeria e na casa de cartões postais da rua Quinze de Novembro, esquina da rua da Boa Vista.

Aparentemente, a revista teve um grande sucesso no início. Entretanto, não foram encontradas menções de edições posteriores a 1908. Com o mesmo título, foi lançada pouco tempo depois (julho de 1908) outra revista em Recife, Pernambuco.

## 1908

A diretoria do **Club Athletico Paulistano**, eleita para 1908, foi divulgada no jornal *Correio Paulistano* de 8 de janeiro. Era composta de:

Antonio Prado Júnior – presidente;

Jorge Miranda – vice-presidente;

Dr. José Carlos de Macedo Soares – primeiro secretário;

Firmo de Lacerda Vergueiro – segundo secretário;

Armando Pederneiras – primeiro tesoureiro;

José Fernando de Macedo Soares – segundo tesoureiro.

Para o "*Ground Committee*" foram eleitos:

Dr. Mário Cardim

W. Jeffery (provavelmente Walter)

A. Melchert (provavelmente Adolpho)

Eurico Vergueiro

Colatino Fagundes

Pelayo Arruda

Em 24 de fevereiro de 1908, uma informação sobre a revista dirigida por Mario Cardim e seus colegas Brenno Silveira e Hormíadas Silva foi publicada na seção "Publicações" do *Correio Paulistano*:

"**CRI-CRI** – Como os anteriores, está interessantíssimo o presente número do *Cri-Cri*, a elegante revista de Brenno Silveira, Mario Cardim e Hormíadas Silva. Além das espirituosas e bem feitas seções de costume, entre elas o Sorteio e o Carnaval, estampa o *Cri-Cri* magníficos clichês de fotografias tiradas no Quartel da Luz, por ocasião dos brilhantes exercícios ali realizados pela Força Policial em presença do chefe da Nação, do presidente do Estado, do ministro da Indústria e dos jornalistas cariocas. Traz ainda outras belas fotografuras, a par de bons artigos de colaboração."

Nessa revista escrevia também **José Bento Monteiro Lobato**, formado na turma 73, em 1904, contemporâneo de Cardim e José Carlos de Macedo Soares na Faculdade de Direito de São Paulo.

Em 29 de março de 1908, o jornal *O Pharol* de Juiz de Fora, Minas Gerais, anuncia o recebimento da revista *Cri-Cri*, de São Paulo, atestando a circulação da revista por outros estados.

### **A PRIMEIRA VIAGEM DE CARRO DE SÃO PAULO A SANTOS (16 e 17 DE ABRIL DE 1908)**

Inspirados no *Raid* Rio-São Paulo levado a efeito poucos dias antes pelo **conde Lesdain** (de 7 de março a 11 de abril), um grupo de paulistas liderados por Antonio Prado Júnior resolveu fazer uma excursão de automóvel a Santos.

Segundo as notícias publicadas, saíram de São Paulo às 6h30 da manhã do dia 16 de abril.

O conde Lesdain, que iria acompanhá-los no seu **Brazier**, desistiu da viagem por não conseguir remontar o seu veículo, que estava sendo preparado para o percurso.

O conde Lesdain, mencionado nas notícias, era provavelmente **Jacques Bouly de Lesdain**, um aristocrata e aventureiro francês controverso. Colaborou com os nazistas durante a Segunda Guerra Mundial e foi por isso condenado à morte à revelia. Foi abrigado pelo Vaticano e aparentemente lá morreu.

Só chegaram a Santos no dia 17, às 7 horas da noite.

A história da aventura foi contada por Mario Cardim e publicada no jornal *O Estado de São Paulo* (22 de abril de 1908), estando reproduzida no **ANEXO 1**.

Numa outra reportagem, publicada no dia 19 de abril, no mesmo jornal, Cardim relata os detalhes de horários do percurso.

O **Conselheiro Antonio Prado** era o prefeito de São Paulo na época. Foi o seu filho, **Anto-**

**nio Prado Júnior**, quem dirigiu o automóvel em que Cardim viajou com os aventureiros.

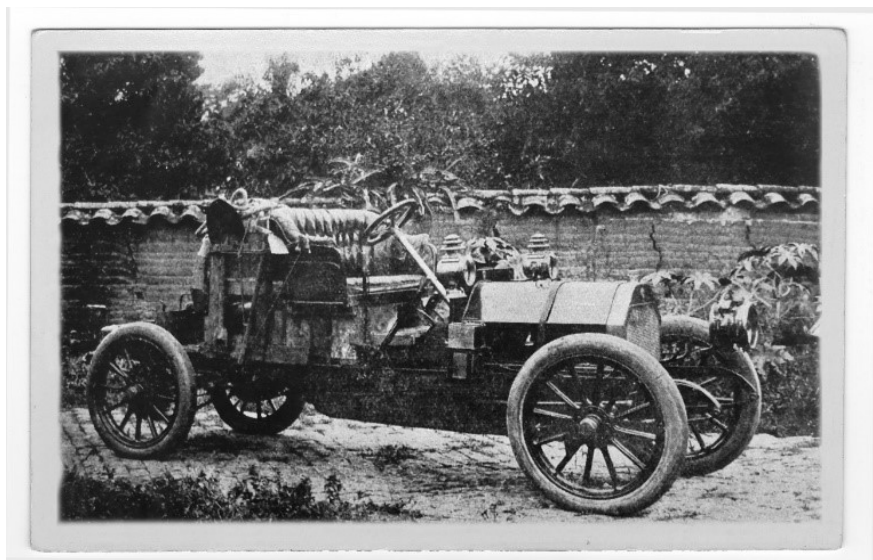
Em 17 de abril de 1938, trinta anos após a viagem, foi inaugurada em Santos, no local onde terminou o *raid*, uma placa de bronze comemorativa ao feito.



A cerimônia foi relatada pelo jornal *O Estado de São Paulo* nas edições de 14 e 17 de abril de 1938.

Imagem publicada no jornal *O Estado de São Paulo* de 17 de abril de 1938, numa página comemorativa da façanha.

Fac-símile da placa de bronze, commemorativa do reide e que será inaugurada hoje, o ás 16 horas, em Santos



O carro Motobloc usado no raid São Paulo- Santos

## **CIRCUITO DE ITAPECERICA**

Logo depois da aventura do chamado *Raid* São Paulo-Santos, os automobilistas da capital paulista resolveram organizar a primeira corrida de

automóveis do país, organizada pelo recém-fundado **Automóvel Club de São Paulo**. Em maio de 1908, vários automobilistas da capital paulista fundaram um clube e, logo em seguida, programaram uma corrida por ruas e estradas: o **Circuito de Itapeccerica**.

Cardim não aparece na lista de associados, mas as reportagens publicadas no jornal *O Estado de São Paulo* tem o estilo dele.

Entre os fundadores estavam Antonio Prado Júnior e Clovis Glicério, que fizeram parte do *Raid São Paulo-Santos*. Além deles, deve ser mencionado **Luiz Rodolpho Miranda**, colega de turma de Mario Cardim na faculdade.

A corrida ocorreu no dia 26 de julho de 1908, com participantes de São Paulo e do Rio de Janeiro (Automóvel Club do Brasil).

No dia 27, houve um banquete em homenagem aos automobilistas do Rio de Janeiro, na **Rotisserie Sportsman**, onde Mario Cardim foi um dos oradores, agradecendo ao Dr. Washington Luís, então secretário da Justiça e da Segurança

Pública, que apoiou o evento. Mario Cardim e Ascânio Cerqueira fizeram parte da segurança da corrida, atuando como delegados de polícia.

## **Percurso do Circuito**

O circuito escolhido, com aproximadamente 75 quilômetros, tinha saída e chegada no **Parque Antártica**. O percurso, que incluía ruas da capital e estradas de terra, era o seguinte:

Parque Antártica (saída e chegada);

Avenida Antártica (atual Av. Francisco Matarazzo);

Rua Tabor (atual Rua Cardoso de Almeida);

Rua Cerqueira Cesar (atual Rua Teodoro Sampaio), passando pelo Mercado dos Caipiras (atual Mercado de Pinheiros);

Travessia da ponte de Pinheiros em direção ao Embu;

Chegada a **Itapecerica** (que ainda não era "da Serra");

Travessia novamente do Rio Pinheiros na direção de Santo Amaro;

Caminho de Santo Amaro (atual Av. Brigadeiro Luís Antônio);

Avenida Paulista;

Ave-



nida Municipal (atual Av. Dr. Arnaldo);  
Rua Tabor (atual Rua Cardoso de Almeida) e  
Avenida Antártica, chegando novamente  
ao Parque Antártica.



## MARATONA

A **Maratona de São Paulo** (prevista para 1º de janeiro do ano seguinte) foi proposta por iniciativa da **Tribuna Italiana de São Paulo**. O jornal *Gazeta de Notícias* (RJ), em 30 de outubro, relatou a reunião de organização.

Entre os organizadores citados, aparecem os nomes de **Mario Cardim** e **Fernando Macedo Soares**. Cardim foi indicado para compor a comissão que iria estudar e traçar o percurso de 42 km previstos para a prova. Fernando Macedo Soares também foi indicado para a mesma comissão.

Não foram encontradas notícias de que essa maratona tenha efetivamente ocorrido. A famosa **Corrida de São Silvestre**, corrida tradicional de fim de ano, só teve sua primeira edição em 31 de dezembro de 1925.

## CARDIM PROFESSOR

Em 28 de dezembro de 1908, o jornal *O Estado de São Paulo*, referindo-se à cerimônia de colação de grau no Ginásio Macedo Soares, menciona Mario Sérgio Cardim como lente (professor). José Carlos de Macedo Soares, depois presidente da ABE, também era professor na escola de seu pai, José Eduardo de Macedo Soares.

## 1909

Em 1909, aparecem várias notícias da atuação de Mario Cardim como delegado de polícia.

Em 30 de janeiro, segundo notícia do *Correio Paulistano* de 31 do mesmo mês, Mario Cardim e José Carlos Macedo Soares foram eleitos diretores do C.A. Paulistano. Macedo Soares como 1º secretário e Cardim como 2º secretário. O jornal informa que Cardim não aceitou o cargo para o qual foi eleito.

Entretanto, em 13 de março *O Estado de São Paulo* informa que José Carlos de Macedo Soares e Mario Cardim foram nomeados repre-

sentantes do C.A. Paulistano junto a Liga Paulista de Foot-ball.

Cardim também teve várias atuações como *referee* de futebol (árbitro, juiz), entre as quais:

Em 15 de agosto, pelo campeonato da Liga Paulistana, no jogo entre o Internacional e o Americano.

Em 18 de setembro, atua como árbitro do jogo entre o Fluminense, do Rio de Janeiro, e o Germânia, de São Paulo.

Em 25 de dezembro, num torneio organizado pelo Sport Club Internacional em benefício da maternidade da Santa Casa, apita o jogo entre o Internacional e o Club Athletico Paulistano.

O *Correio Paulistano* de 9 de dezembro relata as competições realizadas num evento do São Paulo Athletic, no seu *ground* na Rua da Consolação, onde Mario Cardim ganhou diversos prêmios, entre os quais:

Primeiro lugar no Lançamento de bola de *cricket*.

Medalha de ouro da corrida de 100 jardas.

Segundo lugar na corrida em sacos.

Em 1909, Cardim continua a atuar como jornalista *n'O Estado de São Paulo*. Em 27 de abril, o Sultão Abdulamide II é deposto na Turquia, e a colônia síria de São Paulo organizou uma *Marche aux Flambeaux* (Marcha das Tochas) no dia 28, em comemoração. A marcha começou na sede da sociedade síria *Riwak-Ul-Maari*, percorrendo diversas ruas de São Paulo e passando em frente aos principais jornais. Na sede *d'O Estado*, a saudação dos manifestantes foi respondida pelo Dr. Mario Cardim, conforme relatado no *Correio Paulistano* de 29 de abril.

## **1910: AVIAÇÃO E MUDANÇA DE CARREIRA**

O jornal *O Estado de São Paulo* publica em 11 de janeiro uma longa reportagem, provavelmente escrita por Mario Cardim, sobre a **Aviação em São Paulo**. Na edição do dia seguinte, é publicada uma foto do avião e do aviador. Ainda em janeiro, outras reportagens são publicadas com inúmeros detalhes dos voos e do avião.

No Rio de Janeiro, o jornal *O Paiz* publica uma foto de Mario Cardim, sentado ao lado do aviador, no avião biplano **Voisin**, com o aviador Gastão de Almeida. Não há informação se Mario Cardim voou ou apenas tirou a foto com o aparelho.

Em 1910, a carreira profissional de Mario Cardim sofreu uma reviravolta. Em janeiro (31.01.1910), o *Correio Paulistano* noticiou que o Dr. Mario Cardim, 4º subdelegado de Santa Ifigênia, pediria demissão.

Em 5 de fevereiro, o *Diário Oficial da União* publica uma portaria do dia 3 do mesmo mês, nomeando o bacharel Mario Cordeiro como secretário da Comissão encarregada dos trabalhos preparatórios para a **Exposição Internacional de Roma e Turim, em 1911**. Na edição do dia 6, é publicada uma retificação informando que o secretário nomeado se chama Mario Cardim e não Mario Cordeiro.

Outros detalhes da carreira de Mario Cardim serão publicados em próximos boletins.

## ANEXO 1

### AUTOMOBILISMO

Raid S. Paulo – Santos

A prova automobilística, há dias realizada, desta capital a Santos, por um grupo de conhecidos sportsmen, dissemos nós desta columna, não foi concluída com felicidade senão à custa dos grandes esforços que em compensação, lhes valeu o record que assignala a primeira excursão desse gênero levada a cabo entre as duas cidades mencionadas.

Desde o local denominado Ponto Alto, que os excursionistas tiveram que remover as primeiras dificuldades. Aliás forma quase todas desse gênero as que encontraram, isto é, devidas aos estragos produzidos pelas chuvas, tornados ainda peores com a passagem contínua de boiadas que fazem escavações em pequenos espaços regulares de modo a deixar o caminho com um leito de estrada de ferro cujos dor-

mentes estão descobertos.

Os viajantes estavam, porém, dispostos a não contar com empecilhos.

A voz retumbante do Bento Canavarro, com uma inflexão sertaneja, deu o commando para a derrubada das arvores necessárias à estiva-gem do trecho de caminho. E era de ver como os gentlemen que aqui estamos acostumados a apreciar em trajés elegantes, arfavam ao peso do machado e de braços nus arrostavam o imenso lamaçal acomodando o caminho para as máchinas galgarem o trecho de estrada boa que vinha logo adeante.

Veuu cedo, porém, a recompensa do seu trabalho. Já quando a “Sizaire et Nandin” havia trasposto os primeiros metros de atoleiro na curva do caminho, apontaram os animaes de uns carretões de madeira conduzidos por uns caipiras que depois soubemos serem o nhô Antonio, o Chico Mico o João Rato.

Não era possível que elles ganhassem o caminho da serraria para onde iam sem que elle ficasse desocupado e por isso não puzeram dú-

vida em nos dar “uma mão de ajuda” para fazerem transpor a “Sizaire” e a “Motobloc”. Em poucos minutos, pois, os dois automóveis corriam velozes pelo trecho bom do caminho que se seguia.

Os caipiras prosseguiram no seu caminho, tendo se recusado a acompanhar-nos, pois garantiram pela palavra de João Rato que todo o resto da estrada era boa.

Todavia quando o nhô Antonio pôs as mãos numas cédulas de gratificação que lhes demos, hesitou um momento, olhando o ar como se procurasse scientificar-se, por dever de consciência, se a afirmativa do João Rato era mesmo de “gente branca” e concluiu: “Mecês pôde seguir, mas, porém, não é pró mó de fazê pouco nessas máquinas que eu acho que mecês não desce a serra co’isso”.

Emfim seguimos viagem.

O caminho em longo percurso era regular. Em certo ponto, no entanto, de repente, apresentou-se alagadiço e um novo e peor atoleiro que os das “Caveiras” (o que havíamos transposto)

fez-nos parar as máquinas descoroçoados.  
“-Aquele João Rato logrou-nos, disse o dr.  
Paulo Prado”

“-Nhor não, retrucou-lhe uma voz grossa e  
descansada.”

Era o João Rato, esbaforido, que vinha a correr dois ou três quilómetros para manter a sua palavra de sertanejo honrado e oferecer novamente os seus burros para transpormos a “Sepultura”.

Nada se fez, porém, antes do almoço. A derrubada das árvores e os outros exercícios que vínhamos fazendo desde pela manhã reclamavam aquela recompensa. E, num abrir e fechar de olhos estávamos atracados aos despojos de um Perú com farofa, regados a Chateau la Rosa e Bourgogne e rebatidos por esplendido chá Kitai.

Estavam assim “reconstituídas as fibras” como disse o Clovis Glicério, e começamos ... a sair da “Sepultura”.

Apegamo-nos, então, à palavra do João Rato para que nos acompanhasse até o “Zanzallar”,

o que effectivamente conseguimos, deixando-os porém, a grande distância, pois a estrada se descortinava novamente em boas condições e era preciso não perder tempo.

Apenas um nevoeiro espesso nos obrigava a reter a marcha das carruagens algumas vezes, para não nos arriscarmos a estragá-las, e assim sem novidade chegamos, ao anoitecer, ao terreno alagado do “Zanzallar”, onde novamente precisávamos da “mão de ajuda” do nhô Antonio e seus companheiros.

Enquanto desmontávamos o “magneto” e o “carburador” dos automóveis, chegara ao nosso alcance a boa gente que nos havia tirado das “Caveiras” e da “Sepultura”.

Chegados que foram os animaes puzemos mão a obra e exigimos do Bento Canavarro que pela primeira vez guiasse um automóvel a metro e meio de água.

O nosso companheiro não tinha medo de banho frio e, no traje mais simples que é possível imaginar, guiou os carros com extraordinária perícia, pondo-os à outra banda do lago.

Quando o trabalho de remontagem do “magneto” e “carburador” estava concluído já era noite e assim foi preciso procurar pouso. Guiados pelo nhô Antonio pudemos chegar, às 7 horas e meia da noite, à casa de uns polacos moradores a uma légua de distancia.

Eram três homens lenhadores, de aspecto symphatico e que bondosamente nos acolheram. Fizemos então nova refeição e enquanto se preparava o café e uma sopa de palmito (que o Bento Canavarro consumiu sozinho), o nhô Antonio desenvolveu uma longa prosa com o seu “xará” Prado Júnior, afirmando, afinal, que ele era assim espigado e secco “mas, porém, não arreceava de ter cumberça com qualquer que fizesse arrodeios à nha Maria da Ponte”.

Acabavamos a ceia e nos preparávamos para nos aconchegar aos giraus de taquaras forrados com palha de caeté, quando fomos despertados por uns sons de viola que vinham a distancia. Eram uns conhecidos do Chico Mico que, com voz chorada, nos disseram, depois, à

porta da choça, estes versos que lhes pedimos para escrever:

“Eu cortei a bananeira  
o cacho estava de vez,  
se não me ama com firmeza  
abandonae-me duma vez.

.....

Ahi vem, ahi vem  
A bocca da noite, ahi vem

Não era este, porém, o último incidente daquela noite.

Lá pela uma hora da madrugada, um marinheiro fugido de bordo bateu à porta para saber, se o caminho de Santa Catharina era muito longe...

Informamos-lhe que não, e que se ele fosse pela sombra chegava logo.

Depois, ao reparar que na choça só havia homens, elle perguntou ainda: “Keine frau hier? Oh donnerwetter!”

(tradução do google: “Nenhuma mulher aqui? Meu Deus!”) Donnerwetter também pode ser traduzido

por “raios que o partam”

O resto da noite passamos sem novidade, apenas despertados algumas vezes pelo cochar dos praingos (???) que imitam o berro do bode a ponto de se confundir perfeitamente.

Pela manhã deixamos a choça dos polacos.

Nem bem havíamos feito duzentos metros de caminho e logo na baixada do “Fundão” tivemos que nos reter mais de uma hora, preparando o caminho para chegarmos ainda cedo ao Rio das Pedras.

Effectivamente, depois de removermos algumas pequenas dificuldades chegamos ao Alto da Serra, ainda com uma temperatura fresca e agradável. Não tivemos tempo de gosar da excellencia daquelle ar puro, nem pudemos apreciar a exuberância das mattas espessas por onde rompe a estrada do Vergueiro até Cubatão. Consumimos a essa hora as últimas provisões de alimentos e tratamos de começar a percorrer o trecho mais difficil da viagem.

A descida da serra offereceu-nos as maiores dificuldades.

A estrada serpentea pela encosta da montanha de forma que o que não é caminho, é um despenhadeiro terrível, cujo fundo não se vê, tal a altura que dista.

As maiores dificuldades foram oferecidas pelas enormes pedras que entravavam o caminho e pelos boeiros por onde, de espaço em espaço, correm pequenas veias de água.

A situação tornou-se extremamente difícil quando entre a encosta e o meio da estrada se nos deparou uma enorme pedra, cuja remoção depois de duas horas de trabalho só pode ser feita a dynamite, depois de convenientemente brocada.

Enfim, depois de mais de três horas de contínuas remoções de pedras, madeiras, etc., chegamos ao Cubatão.

Ahi, ainda outro obstáculo foi removido, para o que apenas foi preciso a amabilidade do guarda de uma barraca que tomava todo o espaço da ponte que dá acesso à cidade! Não foi obstáculo, propriamente, que removemos, foi um cumulo de despreoccupada improvi-

dência: o homem que alli armou a barraca não se lembrou que a ponte tinha sido feita para utilidade pública...

O caminho que se estende após a estação de Cubatão é o melhor de ser percorrido e, em pouco mais de uma hora, estávamos em Santos.

O estado dos trajes dos excursionistas era tal que ao chegarem ao hotel o porteiro não consentiu que um delles se utilizasse do telephone, embora allegasse que era hóspede do hotel e pessoa smart, da capital artística. Enfim, o porteiro tinha razão: “o traje é o homem”.

Assim terminou a intrépida excursão dos sportsmen que conservarão a primazia da travessia de S. Paulo a Santos, em automóvel.

É, todavia, de salientar que vários factos de não pequena importância concorreram para o feliz desenlace dessa viagem.

Seja-nos permittido salientar a firmeza e a habilidade do sr. Antonio Prado Júnior, que no volante fez o que mais se poderia obter para conduzir a “Motobloc”, e ainda as grandes

Os Boletins já publicados encontram-se na página:

<https://pr.escoteiros.org.br/downloads> - Na aba “Nossa História” - Boletins Históricos

Se você se interessa pela história do escotismo e tem algo a colaborar com o esforço de recuperação da memória do escotismo paranaense, ou conhece alguém que se interessa, escreva para o e-mail

[historia@escoteirospr.org.br](mailto:historia@escoteirospr.org.br).

Pesquisa e Produção: João Alberto Bordignon e Ernani Costa Straube

Revisão: Fernando Gerlach

## **Escoteiros do Brasil - Região do Paraná**

---

Rua Ermelino de Leão, 492 - São Francisco

CEP 80410-230 - Curitiba - PR

**(41) 3323-1031**